

Postado em 22/12/2014 às 10:19 por Fábio Guedes Gomes em Fábio Guedes

# Cuba: entre o passado e o futuro

EUA e Cuba abrem diálogo para restabelecerem relações diplomáticas e econômicas



Em março de 2009 visitei a ilha de Cuba. Desembarquei no aeroporto José Martí acompanhado de dois orientandos do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Jorge Amado, Salvador. Junto com Ricardo Barreto e Matheus Souza, trazia na mala três trabalhos para apresentação no *XI Encuentro Internacional de Economistas sobre Globalización y Problemas del Desarrollo*. O evento foi bastante prestigiado, com aproximadamente 300 papers aprovados, presença de dois prêmios Nobel de economia, Edmund Phelps e Robert Mundell, e outros especialistas de várias partes do mundo.

(<http://thumbor.cadaminuto.com.br/unsafe/800x600/smart/http://estatico.cadaminuto.com.br/imagens/2b2efb31-adc1-4d55-92bf-9d9ac8302686.jpg>)

Foi a primeira e única vez que pisamos na “revolucionária” ilha. Justamente no ano em que se comemorava o cinquentenário da derrubada do governo ditatorial de Fulgêncio Batista, dando início a um dos capítulos mais emblemáticos da história política latino-americana.

As expectativas eram enormes, um sentimento de chegar em um “mundo” que você passou a vida escutando sobre ele, participou das controvérsias envolvendo o regime e suas características políticas, sociais e econômicas. Tomou esse “mundo” como exemplo de resistência aos abusos do sistema capitalista de produção. Alguns livros clássicos sobre a ilha revolucionária eram repassados na minha mente como, por exemplo, *De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira (Civilização Brasileira, 2ª edição, 2009), e *A Ilha*, de Fernando Morais (Companhia das Letras, 2001).

A primeira constatação foi de se deparar com um serviço de traslado do aeroporto até o hotel eficiente, confortável, que nos guiava por aquela Havana que parece ter parado no tempo, mas que não demonstrava qualquer indício de pobreza ou flagelo, tão presentes em nosso cotidiano brasileiro. Boa parte do imobiliário pelo caminho era antigo, das décadas de 1950-1960, com muitos prédios bem conservados. Carros também típicos de uma época, somente vistos nas paradas de colecionadores, que possuem o hábito de se reunirem em algum dia da semana em cidades brasileiras. Também carros luxuosos, predominância de marcas sempre europeias, muitos de representações diplomáticas e funcionários graduados do governo.

Durante uma semana, ficamos mais envolvidos no Congresso, que apresentava uma segurança muito discreta. Tudo funcionava perfeitamente dentro do Centro de Convenções de Havana. Quando sobrava tempo, andávamos pelas ruas do antigo centro da capital. Chegamos viajar para Varadero, complexo balneário a cerca de 150 km ao leste da capital Havana, com inúmeros hotéis, muitos de marcas internacionais já reconhecidas.

Um dos pontos mais marcantes da nossa estada foi explorar o conjunto arquitetônico histórico de Havana. Realmente, o apogeu do colonialismo espanhol foi muito mais próspero e rico que o português. O casario é bem mais suntuoso do que qualquer outro que conheço, que tenha sido levantado pelos lusitanos. Impressionou-me a quantidade de lojas comerciais estrangeiras, compondo o visual de quadras inteiras que estavam sendo reformadas com recursos da Comunidade Europeia, especialmente da Espanha.

Outro destaque foi caminhar por ruas, vielas e becos escutando músicas cubana sem sabermos de onde partiam. Notava-se que eram executadas como se fossem ensaios, alguém compondo, dentro de algum daqueles casarões coloniais.

A nossa curiosidade aos poucos foi se dispersando a medida que visitávamos os principais pontos turísticos ou descobríamos novos e inusitados lugares. O museu da Revolução é algo imperdível, assim como o monumento à José Martí, o Capitólio e o famoso bar *El Floridita*, o preferido do famoso escritor norte-americano Ernest Hemingway.

A aproximação com o povo cubano é outro capítulo à parte. Até onde estabelecemos relações e contatos, fomos muito bem tratados e quase sempre com um sorriso largo no rosto. A curiosidade contaminava ambas as partes. Por nossa parte, sobre o regime e as condições de vida. Deles, sobre nosso futebol, governo Lula e música. Até onde fomos em nossos bate-papos não percebemos críticas radicais ao regime político da ilha, com exceção de um vendedor clandestino de charutos, ambicioso por ganhar muito dinheiro. Na maioria, uma plena consciência dos avanços da revolução cubana, mas também a percepção dos estragos causados pelo bloqueio cubano e a saturação de algumas estratégias adotadas na longa gestão do Partido Comunista sob a liderança de Fidel Castro.

Particularmente, fiz uma reflexão a partir dessa experiência: se, realmente, os Estados Unidos da América quisessem implodir o regime socialista cubano, o teriam feito há muito tempo, bastando, para isso, remover o bloqueio econômico, deixando a ilha negociar acordos comerciais livremente, sem estabelecer sanções econômicas sobre as nações envolvidas. No campo dos serviços, principalmente turísticos, e alguns ramos comerciais isso essa liberdade já é relativamente existente. Entretanto, na comercialização das consideradas “maravilhas” do mercado contemporâneo, como por exemplo eletrônicos, isso é impossível ainda em escala razoável. Para o governo norte-americano, as restrições à Cuba não somente atendem uma questão de sentimento político nacional, arraigado em sua posição contrária aos regimes ditos não-liberais-democráticos-ocidental, mas rende muitos e importantes frutos eleitorais, sobretudo de parte da comunidade hispânica anticomunista, concentrada na Flórida.

O bloqueio econômico não se restringe somente ao amplo acesso a bens de consumo finais, não possíveis de produção na ilha. Como sua base econômica é muito estreita em razão de suas limitações geográficas e ausência de determinadas matérias-primas, a proibição da entrada, principalmente, de bens intermediários e de capital é muito mais penosa para Cuba.

Em nossa opinião, a simples remoção das barreiras comerciais aos produtos e bens finais criaria (ou provocará), certamente, um movimento de mudanças de difícil previsão na ilha. Provavelmente, os cubanos, em geral, teriam muitas dificuldades culturais, e também econômicas, para enfrentar a nova realidade provocada pela abertura comercial.

Entretanto, o próprio regime cubano também leva suas vantagens com o bloqueio, porque a partir dele o sistema de propaganda anti-EUA funciona como uma amálgama das forças políticas internas. Ao mesmo tempo, a escassez de muitos produtos permite ao governo ter um controle soberano sobre a política econômica, principalmente cambial. Adota-se na ilha um sistema bimonetário, onde no geral as pessoas manuseiam o peso cubano para suas transações comerciais cotidianas. Enquanto isso, os turistas e/ou visitantes estrangeiros devem que adquirir nas casas de câmbio ou recepção de hotéis, pesos cubanos convertíveis, que na média possui a mesmo preço relativo entre o real-euro.

Manter um rígido controle sobre as divisas estrangeiras, principalmente euro, que entram na ilha através do turismo, comercialização de serviços ou transferências unilaterais (como pagamento de despesas de embaixadas, consulados ou mesmo o Programa Mais Médicos), é crucial para o governo cubano para garantir as aquisições no exterior dos bens imprescindíveis para abastecer o consumo interno, principalmente em segmentos estratégicos de sua economia e sociedade – lógico em relações com países que têm a autonomia para furar, relativamente, o bloqueio estadunidense.

Resumindo, Cuba vive há meio século uma espécie de economia de guerra e os EUA ainda mantendo uma política externa ultrapassada e sem os resultados práticos alcançados como objetivava desde seu início.

Porém, na quarta-feira, dia 17 de dezembro de 2014, entrará para a história como o primeiro passo para o reatamento das relações diplomáticas e econômicas entre EUA e Cuba. São cinco os temas em pauta: 1] restabelecimento das relações diplomáticas; 2] facilitar viagens de americanos a Cuba; 3] autorização da comercialização de bens e serviços dos EUA para Cuba; 4] autorização para norte-americanos importarem bens de até US\$ 400 de Cuba; 5] início de novos esforços para melhorar o acesso de Cuba a telecomunicação e internet. Esses itens não significam o fim imediato e definitivo do bloqueio econômico. Mas um grande passo foi dado nesse sentido. A formação de delegações conjuntas para negociar e regulamentar os principais temas é de fundamental importância.

Para os EUA, que enfrentam grandes desafios estruturais para manter sua hegemonia construída no Pós-Guerra, essas medidas são uma espécie de estratégia para restabelecer a credibilidade internacional, tão abalada com tantos escândalos de espionagem, fracassos nas ocupações no Oriente Médio etc., bem como fortalecer seu discurso em defesa das liberdades e autonomia dos povos. Pode isso tudo possuir mais valor simbólico que representar mudanças reais na trajetória futura do Tio Sam. Para Cuba, tudo é muito incerto. Talvez muita coisa possa melhorar para o povo cubano, principalmente para elevar seu padrão de vida, não necessariamente através do consumerismo desenfreado de que nos alerta o filósofo-sociólogo Zygmunt Bauman, mas, talvez, por meio das melhorias das condições de produção, com o aumento da ocupação do trabalho e criação de riquezas, que possam ser canalizadas através do seu sistema de distribuição menos nocivo que o capitalista.

De qualquer forma, todo cuidado é muito pouco, pois considero a ilha de Cuba uma espécie de civilização que ao ser isolada por mais de meio século desse mundo ocidental, possa sucumbir gravemente caso as mudanças sejam abruptas. Isso me faz lembrar as nossas comunidades aborígenes que não resistiram às doenças, pragas e psicologia do comportamento trazidas pelo europeu colonizador no século XVI. O mundo capitalista contemporâneo encontra-se numa profunda crise de valores e ética, com uma deformação estrutural nas maneiras de criação e distribuição de riqueza, que ameaça a humanidade e seu meio ambiente, como nos alertam os autores Thomas Piketty, François Chesnais, Gérard Duménil, Dominique Lévy, István Mészáros, Slavoj Žižek etc.

Muito difícil fazer previsões para a ilha de Cuba diante de tantos desafios impostos pelo passado e futuro.

---

**Crédito: Fábio Guedes Gomes**